

A juventude na formação de professores do campo

Natacha Eugenia Janata

Resumo


Apresentamos resultados de uma investigação em que analisamos a inserção no trabalho docente e na militância de egressos da Licenciatura em Educação do Campo da UFSC, com análise permeada por estudos sobre a juventude que tomam como base a psicologia histórico-cultural. Caracterizamos o curso, com seu histórico, organização curricular, turmas ofertadas, bem como os formados até o ano de 2017. Estabelecemos o recorte para a turma concluída em 2016, da qual entrevistamos 11 egressos. Problematizamos sobre determinantes e contradições de suas inserções no trabalho docente e na militância e a formação da juventude do campo, considerando as peculiaridades da região em que ocorreu a licenciatura, bem como as questões mais gerais que atravessam a vida de todos sob as relações sociais de produção capitalistas. Concluímos pelo potencial formativo da consciência de classe da juventude, evidenciando a importância de abordá-la na formação de professores do campo, tendo a apropriação dos conceitos científicos, artísticos e filosóficos, bem como a inserção nas lutas sociais como horizonte.

Palavras-chave: Juventude do campo. Educação do Campo. Formação de Professores.

Natacha Eugenia Janata

Universidade Federal de Santa Catarina,
UFSC

E-mail: natacha.janata@ufsc.br

 <https://orcid.org/0000-0001-8308-0736>

Recebido em: 08/04/2019

Aprovado em: 24/02/2020



<http://www.perspectiva.ufsc.br>

 <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2020.e63039>

Abstract**Youth on the formation of the rural education teachers**

Keywords: Rural youth. Rural Education. Teachers training..

We present results of an investigation in which we analyzed the insertion in the teaching work and in the militancy of the graduates of the Rural Education degree from UFSC, with analysis permeated by studies on youth based on historical-cultural psychology. We characterize the course, with its history, curricular organization, classes offered, as well as those graduated until the year 2017. We established the cut for the class completed in 2016, of which we interviewed 11 graduates. We problematize on determinants and contradictions of their insertions in teaching work and militancy and the formation of the rural youth, considering the peculiarities of the region where the degree took place, as well as the more general issues that permeate everyone's life under capitalist social relations of production. We concluded by the formative potential of the youth class consciousness, evidencing the importance of approaching it on the formation of the rural education teachers, having the appropriation of the scientific, artistic and philosophical concepts, as well as the insertion of the social struggles as a horizon.

Resumen**Juventud y formación profesional de los maestros rurales**

Palabras clave: Juventud Rural; Profesorado en Maestro Rural; Formación Docente.

Presentamos los resultados de una investigación en la que analizamos la inserción en el trabajo docente y la militancia de los egresados del Profesorado en “Educação do Campo” de la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC), con un análisis permeado por los estudios sobre la juventud que tienen como base la psicología histórico-cultural. Caracterizamos la carrera, con su histórico, plan de estudios, perfil de los ingresantes y de los egresados hasta 2017. Establecemos un recorte para los egresados en 2016, con lo cual entrevistamos 11 egresados. Problematizamos sobre los determinantes y contradicciones de la inserción y la formación de la juventud rural, considerando las peculiaridades de la región en que los egresados están inseridos, como también las cuestiones generales que atraviesan la vida de todos sobre las relaciones sociales de producción capitalistas. Concluimos sobre la importancia del potencial formativo de conciencia de clase de la juventud, poniendo en evidencia la necesidad de un abordaje en la formación de maestros rurales, teniendo como horizonte, la apropiación de los conceptos científicos, artísticos y filosóficos, como también la inserción en las luchas sociales.

Apresentação

O texto apresenta resultados de uma investigação¹ ocorrida durante dois anos, a qual integra estudos e ações realizados como docente da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Escola do Campo e Agroecologia (GECA), bem como os estudos do pós-doutoramento².

A Licenciatura em Educação teve seu início na UFSC no ano de 2009, havendo, até a data de envio do artigo, seis turmas formadas ou em vias de colar grau e três em andamento. Cabe ressaltar que a oferta desta modalidade específica de licenciatura constituiu-se a partir da conquista dos movimentos sociais do campo por uma formação de educadores que atendessem às especificidades da vida e do trabalho no campo.

Algumas problemáticas se fazem presentes nesses anos de existência do curso, das quais destacamos para o estudo, a necessidade de aproximação com os movimentos sociais, o vínculo com as escolas do campo e a formação docente proporcionada. Diante delas, a questão central da pesquisa foi assim elaborada: quais determinantes e contradições da formação dos jovens egressos da Licenciatura em Educação do Campo da UFSC se articulam com as suas inserções no trabalho docente em escolas do campo e/ou na militância?

O objetivo da pesquisa consistiu em analisar a inserção no trabalho docente e na militância dos egressos da Licenciatura em Educação do Campo/UFSC no período de 2012 a 2018, tendo como categorias analíticas o mundo do trabalho na atualidade do capitalismo e a formação de jovens militantes, em especial os vinculados com o contexto de vida e/ou trabalho no campo.

Os objetivos específicos tratados neste texto foram os seguintes: identificar e analisar a ocorrência da inserção dos egressos no trabalho docente em escolas do campo; identificar e analisar a ocorrência da inserção dos egressos na militância, destacando seus espaços, analisando suas vinculações, ou não, ao percurso de formação na Licenciatura em Educação do Campo.

Para além da relevância de produzir conhecimento acerca da experiência da Licenciatura em Educação do Campo da universidade em que atuamos e das possibilidades de uma formação especificamente voltada à atuação de educadores em escolas do campo, há que se considerar o pouco volume de pesquisas acerca desse tema. Em consulta ao banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no início da investigação (em 15/08/2016), verificou-se a existência de apenas 65 pesquisas acerca das Licenciaturas em Educação do Campo no país, e destas, apenas uma dissertação de mestrado com o foco para os egressos do curso de uma universidade do Paraná (SAGAE, 2015) e uma dissertação de mestrado acerca dos processos investigativos na Licenciatura em Educação do Campo da UFSC (SILVA, 2015).

Nesse artigo apresentamos reflexões decorrentes da caracterização dos egressos, além da identificação e análise da inserção dos mesmos no trabalho docente em escolas do campo, bem como na militância, com o foco na Turma IV – Encostas da Serra Geral, a qual teve sua formatura ocorrida em 2016. Destas inserções trazemos a perspectiva de juventude assumida, afirmando a importância de abordá-la com consistência teórica na formação de professores do campo.

1 A Licenciatura em Educação do Campo da UFSC

Os cursos de Licenciatura em Educação do Campo foram criados no Brasil a partir do Programa Nacional de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo (PROCAMPO), vinculado ao Ministério da Educação (MEC), conquistado pela luta dos movimentos sociais do campo por uma formação de educadores que atendessem às especificidades da vida e do trabalho no campo.

O PROCAMPO iniciou com o desenvolvimento de um projeto piloto em 2007 nas universidades federais de Brasília (UNB), Minas Gerais (UFMG), Sergipe (UFS) e Bahia (UFBA), as quais buscaram delinear estratégias pedagógicas, didáticas, teóricas e metodológicas para instaurar cursos voltados à vida, práticas sociais, culturais e econômicas, das diferentes populações do campo (MOLINA, 2015).

Esse programa se constituiu enquanto política de editais voltados à formação de educadores do campo. Ainda que contraditoriamente, porque restrita a editais lançados pelo MEC em conjunto com outras instâncias, estudos (MOLINA, 2015; CARVALHO, 2011; ANHAIA, 2010; MUNARIM, 2008, dentre outros) demonstram que foi uma conquista dos movimentos sociais e outras organizações reunidas em prol da luta pela Educação do Campo, sendo decorrente da pressão e das demandas apresentadas ao Estado. A exigência de uma política pública específica para a formação de educadores do campo está presente nas pautas de movimentos e instituições organizados coletivamente desde a I Conferência Nacional por Uma Educação Básica do Campo, realizada em 1998. Sendo assim, em 2008 o MEC lançou o primeiro edital de chamada pública para a seleção de projetos de instituições de ensino superior para o PROCAMPO, seguido de mais dois, um em 2009 e outro em 2012.

Na UFSC o curso foi criado a partir da admissão junto ao edital de 2008, tendo sua aprovação interna na instituição e funcionamento da primeira turma em 2009. De acordo com as diretrizes contidas no edital, o curso iniciou prevendo a formação de professores do campo para duas áreas de conhecimento: Ciências da Natureza e Matemática (considerada como uma única área) e Ciências Agrárias. Entretanto, a partir de 2012, com um processo de adaptação curricular, as Ciências Agrárias foram retiradas da habilitação (UFSC, 2012).

A carga mínima de 3.764 horas é organizada em períodos semestrais considerando o regime de alternância previsto no Edital N° 2, de 23 de abril de 2008, como uma “fundamentação político-pedagógica” (BRASIL, 2008). O Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido individualmente com

orientação de um dos docentes do curso, é requisito obrigatório para integralização curricular e obtenção do diploma (UFSC, 2017).

Do total de horas, 3.114 são de Tempo Universidade (TU) e 648 de Tempo Comunidade (TC), distribuídas ao longo de oito semestres, a partir de três eixos da matriz curricular que buscam integrar a formação por área de conhecimento: Ecossistema, Fundamentos da Ciência e Agroecologia. A Pedagogia da Alternância foi o método adotado para a organização da relação entre os TU e os TC. O primeiro diz respeito às aulas propriamente ditas acerca dos fundamentos da educação e suas teorias, questões sobre o campo, das Ciências da Natureza e Matemática, da Agroecologia, além da organização dos estágios na Educação Básica. Já o TC é o momento de inserção nas comunidades, em sua maioria, de origem dos estudantes, tendo quatro eixos de investigação, um para cada ano do curso: no primeiro, o foco é o diagnóstico do município; no segundo, a escola do campo e, nos dois últimos, o estágio supervisionado no Ensino Fundamental – anos finais e Ensino Médio, respectivamente. Nesse último estágio, busca-se articular questões da escola e da comunidade, a partir de um projeto comunitário realizado com estudantes do Ensino Médio (UFSC, 2012).

A forma de ingresso é um processo seletivo específico, anual, de caráter classificatório e com provas que avaliam os conhecimentos gerais, ocorrendo em municípios próximos aos de origem dos estudantes, considerando a região de abrangência de cada turma. Essa escolha de territórios começou a ocorrer a partir da oferta da terceira turma que teve seu início em 2011, com uma avaliação da distância da UFSC em relação aos sujeitos do campo, posto que a mesma se localiza no litoral do estado de Santa Catarina. Como uma estratégia de alcançar o atendimento às diferentes regiões, bem como às demandas de formação de professores nas áreas de conhecimento ofertadas, passou-se então a essa organização.

Exceto as duas primeiras turmas, os territórios escolhidos até o momento são o Planalto Norte, as Encostas da Serra Geral, o Meio Oeste e a Grande Florianópolis. Conforme o princípio do acesso universal nas instituições de ensino superior brasileira, a área de abrangência não se configura como restrição, podendo haver estudantes de municípios que não necessariamente estão no escopo da determinada região. A cada ano o Colegiado do Curso aprova uma comissão que fica responsável por apresentar as possibilidades de oferta e após a aprovação em todas as instâncias da universidade os docentes realizam mobilização e divulgação do curso e do vestibular nos municípios escolhidos. As ações ocorrem em diversos meios - escolas, rádios, associações, sindicatos, entre outros. Os recursos para isso, até 2017, eram oriundos do PROCAMPO bem como da própria UFSC. Com a finalização do projeto que materializava o PROCAMPO, a partir desse ano os custos foram (precisam ser) assumidos pela universidade.

Ainda sobre a oferta, devido ao período da aprovação do curso na universidade, as primeiras turmas iniciavam a licenciatura no segundo semestre letivo. Isso ocasionava dificuldades nas etapas de planejamento e realização dos Tempos Comunidade, sobretudo no que diz respeito aos estágios, posto

que os estudantes começavam os trabalhos relacionados com o reconhecimento das crianças/adolescentes, bem como dos respectivos professores supervisores no segundo semestre, porém somente iam fazer efetivamente a docência no ano seguinte, sem a garantia da permanência dos mesmos professores e com mudanças significativas nos grupos das escolas. A partir da identificação dessa problemática, além dos atrasos de recursos do PROCAMPO, em 2013 houve uma avaliação do Colegiado do Curso e optou-se pela não realização do vestibular, ajustando a entrada das futuras turmas para o início do ano letivo na UFSC, aproximando-se mais do calendário escolar das redes municipais e estadual, bem como da própria universidade.

Podemos afirmar que a denominação das turmas por territórios segue uma classificação mais política do que geográfica, por isso, como se pode constatar no quadro a seguir, há turmas que abarcam municípios que não necessariamente estão no entorno ou próximos à região. Em 2017 não houve uma região e sim apenas dois municípios, uma vez que a ideia era atingir Ituporanga, no Alto Vale do Itajaí, entretanto a composição da turma levou à consolidação das aulas em Alfredo Wagner. A sequência de oferta anual pode ser assim esquematizada:

Quadro 01: Oferta das turmas da Licenciatura em Educação do Campo da UFSC conforme os territórios de abrangência – de 2011 a 2018.

Ano de oferta	Território	Municípios atingidos	Denominação da turma
2011	Planalto Norte	Bela Vista do Toldo, Canoinhas, Irineópolis, Mafra, Major Vieira, Rio Negrinho, Papanduva, Santa Terezinha, Timbó Grande e Três Barras	III - Canoinhas
2012	Encostas da Serra Geral	Anitápolis, Orleans, Rio Fortuna, Santa Rosa de Lima, São Bonifácio	IV – Santa Rosa de Lima
2014	Meio Oeste	Curitibanos, Frei Rogério, Fraiburgo, Timbó Grande e Florianópolis	V – Contestado
2015	Grande Florianópolis	Águas Mornas, Anitápolis, Florianópolis, Garopaba, Tijucas, Rancho Queimado, São Bonifácio e São João Batista	VI – Litoral 1
2016	Planalto Norte	Bela Vista do Toldo, Campo Alegre, Canoinhas, Itaiópolis, São Bento do Sul, Mafra, Major Vieira, Monte Castelo, Papanduva, Rio Negrinho	VII – Mafra e Rio Negrinho
2017	---	Alfredo Wagner e Bom Retiro	VIII – Alfredo Wagner
2018	Grande Florianópolis	Águas Mornas, Florianópolis, José Boiteux, Palhoça, Tijucas	IX - Litoral 2

Fonte: Elaborado pela autora³.

Considerando o período de entrada de 2009 a 2012 há egressos dos seguintes municípios: Abelardo Luz, Anitápolis, Bela Vista do Toldo, Campos Novos, Canoinhas, Descanso, Florianópolis, Garopaba, Irineópolis, Leoberto Leal, Mafra, Major Vieira, Monte Castelo, Orleans, Papanduva, Rio Fortuna, Santa Rosa de Lima, Santa Terezinha, Timbó e Três Barras⁴.

gerais ou administrativos; agricultura familiar convencional, orgânica ou agroecológica, com a produção de hortaliças, frutas, fumo, grãos, criação de aves e suínos, bem como trabalho em pequenas agroindústrias de geleia, laticínios e cortes de aves, além do turismo rural/agroturismo; trabalho doméstico na sua própria casa; atuação em cargos nas esferas públicas, em organizações não governamentais e/ou associações; vigilante em empresa de segurança privada. Do grupo de egressos que continuaram estudando, os que possuíam bolsa, a maioria, tinham na pós-graduação sua atividade central.

Acerca da militância, os dados são mais escassos, sendo identificados genericamente, com mais ênfase, a atuação junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), bem como a associações e sindicatos, como a Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (AGRECO) e o Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO), Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), entre outros.

Ambas as sistematizações foram extraídas de relatos de formados nas diferentes turmas com quem tivemos contato durante o período da pesquisa, além de informações coletadas pelo Currículo Lattes e em redes sociais. Especificamente com os egressos de 2016 oriundos da turma IV - Encostas da Serra Geral foi possível realizar entrevistas semiestruturadas (MINAYO, 2010), sobre as quais nos deteremos a seguir a partir da compilação das informações obtidas. Tais entrevistas ocorreram no mês de junho de 2017, em parceria com a professora Gabriela Furlan Carcaioli, pesquisadora integrante do Grupo de Estudos em Educação, Escolas do Campo e Agroecologia (GECA), que tinha como objetivo colher dados para sua investigação de doutorado, em andamento (CARCAIOLI, 2019). Embora os focos de pesquisa fossem distintos, porém com o mesmo público, compreendemos que seria mais adequado realizar o trabalho coletivo. Entramos em contato com os egressos e os convidamos para participarem, sendo as entrevistas gravadas e transcritas. Essa turma era composta por aproximadamente 90% de jovens do campo, com idade entre 18 e 29 anos, faixa etária considerada como juventude pela legislação brasileira, tal como consta no Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013).

Cabe ressaltar a existência de outros estudos sobre a experiência do curso. Carcaioli, Tonso e Mazzala Neto (2017) e Carcaioli (2019) tratam mais especificamente de questões correlatas à organização curricular e as interfaces com a Agroecologia. Desse último tema, Gaia (2017) faz um apanhado teórico e indica um posicionamento frente à formação de professores do campo, no que diz respeito ao ensino de Ciências. Hudler (2015) aborda os processos investigativos existentes na licenciatura em tela, com o olhar para a área de formação (Ciências da Natureza e Matemática), envolvendo os discentes, docentes, professores das escolas e pessoas da comunidade. No que diz respeito às Ciências da Natureza, Paiter (2017) aponta avanços, bem como dificuldades na formação por área de conhecimento. Cherfem (2018) traz contribuições no sentido de problematizar as discussões presentes e ausentes acerca das questões de classe, gênero e raça. Por fim, Halmenschlager, Del Monaco e Straglioto (2017) trazem com mais

detalhes o encaminhamento metodológico dos estágios supervisionados, debatendo limites e acúmulos no processo vivido.

2. Os egressos entrevistados: traços da inserção no trabalho docente e na militância

Do total de 18 egressos com o perfil apresentando anteriormente, conseguimos entrevistar 11, oito mulheres, das quais duas são casadas, e três homens solteiros. Em relação à inserção no trabalho docente somente duas egressas estavam atuando como professoras de escola do campo, e uma delas apenas no noturno, na Educação de Jovens e Adultos, pois também trabalhava como auxiliar de serviços gerais em outro local durante o dia. Um dos rapazes havia atuado como professor temporário no ano anterior, entretanto no momento da entrevista tinha assumido uma função junto à Prefeitura Municipal do local de sua moradia.

Destacamos que os três afirmaram possuir identificação com a profissão docente. Planejar, lecionar, estar em contato com os alunos, ensinando e aprendendo possui um sentido de realização pessoal e profissional, sobretudo por estarem atendendo estudantes do campo, sujeitos que fazem parte também de suas trajetórias de vida. Destacaram ainda que a formação na licenciatura possibilitou sentirem-se seguros para lecionarem.

Ainda sobre a inserção no trabalho docente destacamos que quase todos aqueles que não estavam dando aulas afirmaram como motivos a desvalorização, a preocupação e responsabilidade com as crianças, além dos baixos salários, sendo mais vantajoso continuar em atividades ligadas diretamente ao trabalho na agricultura, tais como a produção de frutas, verduras, aves, ou ainda a agroindústria de geleias, produção de carvão, a piscicultura e o turismo rural/agroturismo.

Outro limitante identificado nesse sentido é o fato do município onde moravam 17 dos entrevistados possuir apenas uma escola de anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, inviabilizando estruturalmente a contratação desses egressos. Por outro lado, o trabalho desenvolvido de organização das propriedades para o turismo rural/agroturismo, sobretudo pelo projeto da Acolhida na Colônia (GUZZATTI, 2010), foi apontado como responsável pelas alternativas de renda de grande parte dos egressos que não se identificam com o trabalho docente.

Aqui cabe uma dupla reflexão, com elementos que trazem a singularidade do local em que a maioria desses egressos vive e, por outro lado, a genericidade da escola pública brasileira e a precarização do trabalho docente, com destaque para as escolas do campo.

Santa Rosa de Lima é um município catarinense com população estimada em 2.137 pessoas no ano de 2018 (IBGE, 2018). Possui uma história de pouco mais de 20 anos com o trabalho na produção de orgânicos e o desenvolvimento do turismo rural, ou “agroturismo” como apresenta Guzzatti (2010). Esse percurso⁵ criou bases para a possibilidade atual de uma condição de jovens agricultores que conseguem ter o trabalho na propriedade rural como opção de vida, desenvolvendo além da produção propriamente

ditas, atividades ligadas ao turismo, com estabelecimento de pousadas, oferecimento de serviços como “turismo pedagógico e cicloturismo”, sobretudo por meio da AGRECO.

Andion (2007) estuda a atuação de três distintas Organizações Não Governamentais (ONGs) no meio rural catarinense no sentido de dinamizar o desenvolvimento territorial sustentável. A AGRECO é uma delas e, conforme esclarece o autor, desde sua origem a ênfase foi a “organização socioeconômica dos agricultores”, de forma que a “associação não mantém vínculos com os principais movimentos sociais atuantes no meio rural e se relaciona com algumas instituições representativas do meio empresarial (como o SEBRAE, por exemplo)”. Configura, por fim, que a “atuação técnica é privilegiada sobre a ação política e a ONG tem uma forte inserção junto ao mercado” (ANDION, 2007, p. 288-289).

Guzatti (2010, p. 112) alerta para o fato de que, ao fim dos anos 2000, vivendo um momento de inflexão da ONG, devido a problemas de ordem econômica, houve um “processo interno de seleção, evidenciando o conjunto de agricultores que adquiriram maior nível de consciência sobre a proposta e exigindo da organização um permanente esforço de qualificação do seu quadro de associados”. Para a autora, o aprendizado desse momento de crise “traduz-se na importância da crença nos valores subjetivos (cooperação, solidariedade, respeito ao meio ambiente, compromisso com o território etc.) defendidos pela AGRECO, o que extrapola o interesse econômico imediato”. Foi justamente esse contexto que trouxe a perspectiva das ações de turismo rural/agroturismo, nas quais os egressos entrevistados encontram-se inseridos.

Outro aspecto importante é o fato de Santa Rosa de Lima ser um município pequeno, possuindo, conforme INEP (2017), 81 matrículas nos anos finais do Ensino Fundamental, incluindo a Educação Especial, 67 no Ensino Médio e 8 na Educação de Jovens e Adultos - nível médio. Para tanto, sua estrutura educacional possui quatro escolas, numa das quais funcionam essas duas etapas da Educação Básica, com cerca de 25 professores e funcionários, quase o número total dos concluintes da Licenciatura em Educação do Campo da turma abordada.

Esse quadro, aliado às reformas educacionais vividas no fim do século passado e início deste, que aprofundaram a desvalorização do magistério e da educação pública brasileira, com precarização do trabalho docente, como aponta Oliveira (2004), além de Shiade e Ximenes-Rocha (2018) ao tratar especificamente de questões das escolas do campo, são aspectos que se inter-relacionam e explicam a não adesão de quase a totalidade dos egressos ao trabalho docente.

No que diz respeito à inserção na militância nenhum dos egressos possuía vínculo ou atuação em algum movimento social. A AGRECO, o Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR) e o Centro de Formação (CFAE) foram instituições indicadas como espaços que possibilitaram principalmente uma visão de que, segundo o relato de uma egressa, é “possível o jovem viver e trabalhar no campo” com a perspectiva de continuidade dos estudos. A Licenciatura em Educação do Campo foi também lembrada como uma formação que contribuiu nesse sentido.

Segundo Baumann (2012, p. 54-55) Santa Rosa de Lima vive um “enfrentamento no campo econômico, político e ideológico entre as atividades do agronegócio e do reflorestamento com espécies exóticas e o projeto voltado à sustentabilidade”. Está situada num “corredor ecológico”, com áreas de preservação ambiental e cabeceiras de importantes rios, sendo uma área “das mais valorizadas da mata atlântica”. Por fim, tomando por base outros autores, afirma algo que consideramos relevante: “não agiram nesta região, na segunda metade dos anos 1970 ou nos anos 1980, movimentos sociais impulsionados por partidos de esquerda ou por igrejas próximas da Teologia da Libertação”. Com sindicatos atrelados à ditadura militar, sejam eles de trabalhadores rurais ou patronais, inexistindo ações de movimentos sociais, nem de outras instituições que prestassem apoio aos agricultores, o êxodo rural e degradação ambiental não puderam ser impedidos ou minimizados (Schmidt e Turnes apud Baumann, 2012, p. 55).

Apontamos uma compreensão da importância do associativismo e de uma produção agrícola comprometida com o ser humano, com a vida, buscando ir além da agricultura convencional. Todavia, identificamos limites nas formas de organização coletiva que não necessariamente trazem uma visão de mundo consciente da necessidade de uma transformação radical para romper com a estrutura do capital, como traz Mézáros (2007). Esse limite pode ser expresso desde a gênese da AGRECO, nos anos 1990, com o seu afastamento das lutas sociais, como afirmado por Andion (2007), encontrando-se no bojo dos limites das atuações das ONGs, ou das instituições do terceiro setor, sob as quais Montaño (s/a) tece críticas por escamotear as contradições do capitalismo, sendo em última instância, funcionais ao projeto neoliberal.

3 A Licenciatura em Educação do Campo e a formação da juventude

A escola tem uma contribuição imprescindível a dar na formação de jovens, sobretudo de jovens com consciência de classe, contudo esse é um processo de múltiplas determinações, articulando produção, educação e formação (JANATA, 2012).

A partir dos estudos da sociologia tomando como base Foracchi (1972; 1977) e Ianni (1968) sistematizamos a compreensão da juventude enquanto um momento da vida que se coloca em relação aos demais. O jovem está sendo na relação com aquilo que não se é mais – uma criança, e com aquilo que se chegará a ser – um adulto, no interior das questões postas na atualidade pelas contradições do capitalismo. Tomamos como pressuposto que a condição etária se relaciona com a classe e que, portanto, a juventude tem na classe suas questões fundamentais, ainda que haja aspectos que definam esse tempo de vida, diferenciando-o dos demais e, também, que existam distinções culturais.

Duarte (2017) afirma que os estudos sobre a adolescência/juventude que tomam como base o referencial da psicologia histórico-cultural ainda são escassos, uma vez que vêm se concentrando historicamente na infância. Chamamos a atenção para esse dado, uma vez que para uma devida atuação

no espaço escolar é imprescindível uma formação de professores que viabilize a compreensão teórico-prática dos processos que envolvem o desenvolvimento e aprendizagem dos jovens. É nessa fase do desenvolvimento humano que ocorre um salto qualitativo no desenvolvimento intelectual com a formação do pensamento abstrato, por conceitos, como destacam Vigostki (1996), Elkonin (2006), Tomio e Facci (2009) e Anjos (2011).

Com esse entendimento, defendemos a potencialidade desses aspectos para a formação de uma juventude do campo com elevação do padrão cultural e com a formação de um “jovem radical”⁶ (IANI, 1968), comprometido com as lutas pela emancipação humana. Essas são questões essenciais à formação de professores do campo, posto que atuarão com esses sujeitos, porém mais que isso, pois alguns dos próprios educandos das Licenciaturas em Educação do Campo são jovens formando-se como futuros educadores.

Justificamos de antemão essa defesa tendo em vista que,

[...] ao jovem se torna possível compreender com mais amplitude e complexidade a realidade que o cerca e da qual ele também é membro (...). As crises experimentadas pelo adolescente e pelo jovem, cada um a seu tempo, são um componente que provoca mudanças, rupturas em suas personalidades. O pensamento conceitual se transforma em normas de conduta, princípios [...] (JANATA, 2012, p. 126-127).

A formação do pensamento complexo, com a possibilidade de ampliação da compreensão do mundo social, pelos conhecimentos da ciência, da arte e da cultura, centralmente na “relação com os coetâneos” (FACCI, 2004) precisa ser assumida pela Licenciatura em Educação do Campo, pelo menos em duas vias – a da formação dos próprios graduandos e a dos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, com os quais atuarão os futuros professores.

Alguns argumentos justificam tal posição. Um deles reside na constituição da Educação do Campo como consequência da luta de movimentos sociais populares, pelo acesso à escolarização em todas as etapas e níveis. Há um projeto de campo e de sociedade que fundamenta a Educação do Campo e que significa o enfrentamento à lógica do capital, com a intensa exploração, mercantilização e financeirização dos bens naturais, terra, água, alimento. Essa condição, como afirma Caldart (2017, p. 38), traz a “potencialidade e a importância política, ética e formativa de avançar na aproximação entre escolas do campo e agroecologia”.

Concordamos com Duarte (2016) ao afirmar que essa visão de mundo pode ser justamente desenvolvida a partir da compreensão dos conceitos que explicam os fenômenos da vida em sua complexidade de múltiplas determinações e contradições imanentes. Daí decorre o outro argumento.

Considerando que a ciência, a arte e a filosofia, enfim, o conhecimento, somente pode ser apreendido por conceitos, Vigotski (1996) afirma que embora a criança os assimile, o faz de maneira

incompleta, não participando “ativamente em sua criação”. Como já exposto, é na adolescência/juventude que potencialmente se coloca a possibilidade de superar tal situação, ou como afirma o referido autor:

O adolescente, ao contrário, quando assimila corretamente esse conteúdo que tão somente em conceitos pode apresentar-se de modo correto, profundo e completo, começa a participar ativa e criativamente nas diversas esferas da vida cultural que tem diante de si (VIGOTSKI, 1996, p. 64).

A história da Educação do Campo coincide com a inserção nas lutas sociais, por escolas, terra, trabalho, pela sobrevivência, mas também por outra forma societária, que supere a contradição entre capital e trabalho. Concordamos com Anjos (2011) ao afirmar que o trabalho educativo, especificamente escolar, com adolescentes/jovens exerce papel fundamental no sentido de, ao possibilitar a apropriação do “conceito científico”, permiti-los “refletir sobre o que não está ao alcance dos conceitos cotidianos” e “conhecer a essência do objeto ou fenômeno dado”.

Isso posto, o que os dados apontam sobre a inserção dos egressos na militância, sobretudo os da turma analisada neste texto, parece indicar que, mesmo considerando o contexto histórico de ausência de espaços com esse caráter, a formação viabilizada pela Licenciatura em Educação do Campo da UFSC não permitiu ainda que avançassem na construção dos mesmos. Isso poderia ocorrer por meio de uma atuação mais efetiva nas instituições já existentes, como a AGRECO, por exemplo, com vistas a problematizar a “visão de mundo” vigente. Outra forma de inserção seria ainda a busca pela mobilização coletiva nas comunidades, ou na própria escola, produzindo espaços outros de militância, tomando como base os pressupostos da Educação do Campo citados anteriormente.

4 Considerações finais

Embora haja egressos vinculados a movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e de comunidades quilombolas, a participação dos movimentos sociais do campo ainda é tímida, uma vez que a universidade encontra-se no litoral do estado e a concentração das organizações e movimentos sociais do campo é mais presente no oeste catarinense. Considerando que a vinculação com as lutas sociais é um dos pressupostos da Educação do Campo, como ressalta Caldart (2008), esse é um elemento a ser trabalhado com mais cuidado ao longo do processo formativo, sobretudo a partir da incidência sobre a formação de uma juventude do campo comprometida com tais pressupostos.

Outro elemento trata da garantia de uma efetiva qualidade na formação de professores do campo, sobretudo no que diz respeito à apropriação dos fundamentos das áreas de conhecimento da habilitação, Ciências da Natureza e Matemática, considerado o fato de que os educandos são oriundos de trajetórias escolares em grande parte precarizadas, e que em muitos casos não possuem um conhecimento básico necessário ao desenvolvimento de tais fundamentos. Importante destacar, assim, o risco de cair no aligeiramento da formação docente, na adoção dos pilares do “neopragmatismo”, com os lemas “aprender

a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver”, tão caros às políticas neoliberais e, portanto, antagônicos ao projeto de superação do capitalismo (SAVIANI, 2007).

Um desafio que se relaciona ao anterior diz respeito a um perfil de formação de professor-educador que articule os conhecimentos das disciplinas de sua área com as questões da realidade, para uma escola ainda não existente. Caldart (2011) afirma tal desafio, levando-nos a atentar para o compromisso político e pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo na transformação da escola, considerando seu vínculo com a classe trabalhadora do campo.

Considerando que as elaborações iniciais da “escola de Vigostki” (DUARTE, 1996) ocorreram nas primeiras décadas dos anos 1900, sabemos da necessidade de ampliar e aprofundar os estudos, no intuito de estabelecer relações com o contexto de vida do início do século XX e o que se coloca como desafio na formação do jovem mediante as contradições do capitalismo no século XXI.

Arriscamos afirmar que a juventude trabalhadora, e em especial a do campo, marcada por uma condição precária, constitui-se como um período potencialmente formativo da consciência de classe, pela possibilidade de desenvolvimento do pensamento complexo e a necessidade da convivência com seus pares. Tal constatação posiciona o trabalho educativo com os jovens, sejam eles licenciandos em Educação do Campo, ou ainda, os estudantes do Ensino Médio com os quais desenvolvem seus estágios de docência. Cabe à proposta político-pedagógica da Licenciatura em Educação do Campo ter a apropriação dos conceitos científicos, artísticos e filosóficos, bem como a inserção nas lutas sociais como horizonte.

Notas

¹ A pesquisa foi aprovada junto ao Departamento de Estudos Especializados em Educação, no segundo semestre de 2016, tendo como título: “A inserção no trabalho docente e na militância dos jovens egressos da Licenciatura em Educação do Campo/UFSC no período de 2012 a 2018”. O período previsto para sua realização era inicialmente de três anos, entretanto, com a realocação para o Departamento de Educação do Campo houve o encurtamento de um ano com a reorganização de alguns aspectos da proposta de investigação.

² Pós Doutorado realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia sob a supervisão da Profª Drª Celi Nelza Z. Taffarel, tendo como Projeto de estudos Científicos o seguinte título: “Formação de Professores do campo e formação da juventude: contribuições da psicologia histórico-cultural”.

³ Dados sistematizados a partir de mapeamento feito no sistema de controle da graduação da UFSC – CAGR, disponível em: <http://licenciatura.educampo.ufsc.br/>. Consulta em março de 2018.

⁴ Dados sistematizados a partir de mapeamento feito no sistema de controle da graduação da UFSC – CAGR, disponível em: <https://egressos.sistemas.ufsc.br/listaEgressos.xhtml>. Consulta em março de 2018.

⁵ Para saber mais detalhes sobre a constituição histórica da AGRECO consultar Andion (2007), ou ainda a síntese de autores que tratam da associação indicados por Guzatti (2010). Por fim, vale a pena citar o estudo de Carcaioli (2018) em andamento, o qual traz o recorte da Agroecologia na Licenciatura em Educação do Campo, tomando como campo analítico a turma de Santa Rosa de Lima.

⁶ Iani (1968) utiliza esse termo para se referir à formação de jovens que elaboram suas compreensões de mundo indo à raiz dos problemas que os rodeiam, sendo capaz de assumir uma concepção de mundo de base materialista histórica e dialética (Duarte, 2016).

Referências

- ANDION, Maria Carolina M. *Atuação das ONGs nas dinâmicas de desenvolvimento territorial sustentável no meio rural de Santa Catarina*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas. Florianópolis, 2007.
- ANJOS, Ricardo E. dos. A educação escolar de adolescentes e a formação dos conceitos científicos. *Temas em Educação e Saúde*. v. 7, Araraquara, 2011. p. 97-123.
- ANHAIA, E. M. *A constituição do Movimento de Educação do Campo na luta por políticas públicas de educação*. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- BAUMANN, Siuzete Vandresen. *Da vida das escolas rurais isoladas a uma escola isolada da vida rural: aprendizagens do processo de nucleação em Santa Rosa de Lima*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, 2012.
- BRASIL. *Edital Nº 2, de 23 de abril de 2008*. Chamada pública para seleção de projetos de instituições públicas de ensino superior para o PROCAMPO. Ministério da Educação, 2008. Disponível em http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/edital_procampo.pdf Acesso em 30/10/2015.
- BRASIL. *Estatuto da Juventude* - Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm Acesso em 28/05/2018.
- CALDART, Roseli S. Sobre educação do campo. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos. (Org.). *Educação do campo: campo, políticas públicas, educação*. Brasília: INCRA; MDA, 2008.
- CALDART, Roseli S. Licenciatura em Educação do Campo e projeto formativo: qual o lugar da docência por área. In: Molina, M.; Sá, L. M. (Orgs.). *Licenciaturas em Educação do Campo: registros e reflexões a partir das experiências-piloto*. (pp. 95-122). Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- CALDART, Roseli S. Licenciatura em Educação do Campo e projeto formativo: qual o lugar da docência por área. In: Molina, M.; Sá, L. M. (Orgs.). *Escolas do Campo e Agroecologia: uma agenda de trabalho com a vida e pela vida!* Cartilha da 16ª Jornada de Agroecologia. 20 a 23 de set, Lapa, 2017.
- CARCAIOLI, Gabriela F. *Educação do campo, agroecologia e ensino de ciências: o tripé da formação de professores*. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática) - Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2019.
- CARCAIOLI, Gabriela F.; TONSO, Sandro; MAZALLA NETO, Wilon Mazalla.
Agroecologia como matriz pedagógica para o ensino de Ciências da Natureza nas Licenciaturas em Educação do Campo. *XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC*. 3 a 6 de julho. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- CARVALHO, Marize S. *Realidade da educação do campo e os desafios para a formação de professores da Educação Básica na perspectiva dos movimentos sociais*. Tese Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia/UFBA, Salvador, 2011.
- CHERFEM, Carolina O. Intersecção de classe, gênero e raça na Licenciatura em Educação do Campo. In: *11º Congresso Internacional de Educación Superior. Memorias*. Havana, Cuba, 2018. v. 1. p. 22-32.

DUARTE, Newton. Relações entre o desenvolvimento humano e o conhecimento escolar. *Palestra conferida no III Encontro dos Grupos de Pesquisa em Educação do Campo da Região Sul*. Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Laranjeiras do Sul. Laranjeiras do Sul, 13 a 15 de novembro de 2017.

DUARTE, Newton. Os conhecimentos escolares e a concepção de mundo. In: DUARTE, Newton. *Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos: contribuição à teoria histórico-crítica do currículo*. Campinas: Autores Associados, 2016.

DUARTE, Newton. Os conhecimentos escolares e a concepção de mundo. In: DUARTE, Newton. *Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski*. (Coleção polêmicas do nosso tempo, v. 55). Campinas: Autores Associados, 1996.

ELKONIN, D. B. Epílogo. In: VYGOSTKI, L. S. *Obras Escogidas*. Tomo IV. 2ª ed. Madrid, 2006.

FACCI, Marilda G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. *Caderno Cedes*. Vol. 24, n. 62, abril, Campinas, 2004. p. 64-81. Disponível em <http://www.fcedes.unicamp.br>. Acesso em 15/08/2011.

FORACCHI, Maria Alice. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

FORACCHI, Maria Alice. *O estudante e a transformação da sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

GAIA, Marília C. de M. Agroecologia e Ensino de Ciências: desafios e tensões na Educação do Campo. *XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC*. 3 a 6 de julho. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

GUZZATTI, Thaise C. *O agroturismo como elemento dinamizador na construção de territórios rurais: o caso da associação de agroturismo Acolhida na Colônia em Santa Rosa de Lima (SC)*. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Florianópolis, 2010.

HALMENSCHLAGER, Karine R.; DEL MONACO, Graziela; STRAGLIOTTO, Marisa. Abordagem temática na educação do campo: desafios no âmbito do estágio docência. *X Congresso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias*. 5 a 8 de setembro, Sevilla, 2017.

HUDLER, Thais G. R. da S. *Em questão :os processos investigativos na formação inicial de educadores do campo - área de Ciências da Natureza e Matemática*. (Dissertação de mestrado em Educação Científica e Tecnológica)- Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis, 2015.

IANNI, Otávio. O jovem radical. In: BRITTO, Sulamita de (org.) *Sociologia da Juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

IBGE. *Cidades. Santa Rosa de Lima - População*. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/santa-rosa-de-lima/panorama> Acesso em 10/09/2018.

INEP. *Censo Escolar*. 2017. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/web/guest/dados/consulta-matricula> Acesso em 10/09/2018.

JANATA, Natacha E. “*Juventude que ousa lutar!*” *Trabalho, educação e militância de jovens assentados do MST*. 2012. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis, 2012.

MÉSZARÓS, István. *O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MINAYO, Maria Cecília (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOLINA, Monica C. Expansão das Licenciaturas em educação do Campo: desafios e potencialidades. *Educar em Revista*, n. 55, p. 145-166, jan./mar. 2015. Curitiba: Editora UFPR .

MONTAÑO, Carlos. *O projeto neoliberal de resposta à “questão social” e a funcionalidade do “terceiro setor”*. s/a. Disponível em http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v8_carlos_montano.pdf. Acesso em 05/09/2018.

MUNARIM, Antonio. Movimento Nacional de Educação do Campo: uma trajetória em construção. *31ª Reunião Anual da ANPED*, Caxambu. 20 e 21 de outubro de 2008.

OLIVEIRA, Dalila A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 25, n. 89, Set.- Dez. 2004. p. 1127-1144. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em 15/09/2018.

PAITER, Leila L. *Reflexões sobre a formação docente na área de conhecimento ciências da natureza: a Licenciatura em Educação do Campo – UFSC*. 2017. Dissertação (Mestrado Graduação em Educação Científica e Tecnológica)-Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis, 2017.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.

SHIADE, Aline R. de V.; XIMENES-ROCHA, Solange H. Escola do campo e precarização do trabalho docente. *Rev. Trabalho, Política e Sociedade*. Vol. III, nº 04, jan.-jun., Nova Iguaçu, 2018. p. 107-124. Disponível em <http://ufrj.br/SEER/index.php?journal=RTPS&page=article&op=view&path%5B%5D=3627> Acesso em 15/08/2018.

TOMIO, Noeli Assunta O.; FACCI, Marilda G. D. Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v. 12, n. 1, jan/abr, 2009. p. 89-99. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/14059/7674> Acesso em 15/07/2018.

UFSC. *Adaptação Curricular*. Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Licenciatura em Educação do Campo, 2012.

UFSC. *Regimento dos Trabalhos de Conclusão de Curso*. Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Licenciatura em Educação do Campo, 2017.

VIGOTSKI, Lev S. Paidología del adolescente. *Obras Escogidas IV*. Madri: Visor, 1996

Informações sobre os Revisores:

Língua Portuguesa | Thelmely Torres Rego
E-mail: thelmelytorres75@gmail.com

Língua Inglesa | Thelmely Torres Rego
E-mail: thelmelytorres75@gmail.com

Língua Espanhola | Cynthia Claudia Romero
E-mail: fitikador@gmail.com